



## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O indicador do pessoal ocupado assalariado na indústria registra, em fevereiro de 2003, queda quando comparado ao mês anterior (-0,2%), inclusive descontando os efeitos sazonais, e reverte o movimento observado em janeiro (0,3%). Nas demais comparações, foram assinalados aumentos de 1,1% no mensal e 1,0% no acumulado do ano. Já o acumulado dos últimos doze meses permanece negativo, com taxa de -0,5%, embora aponte uma trajetória de suave recuperação.

O índice mês/mês anterior, na série sem ajuste sazonal, mostra ligeira redução de 0,2%, com sete locais e dez ramos industriais diminuindo o número de contratações. A região Nordeste (-3,8%) e Pernambuco (-7,2%) sobressaem com os principais impactos negativos, em função, sobretudo, dos desligamentos na indústria alimentar, devido ao fim do processamento da safra de cana-de-açúcar. Por outro lado, os estados da Região Sul, como o Rio Grande do Sul (0,9%) e Paraná (1,0%) exerceram as principais influências positivas.

Em nível nacional, analisando o desempenho dos dezoito setores, as principais contribuições negativas no cômputo geral foram representadas por alimentos e bebidas (-1,8%) e outros produtos da indústria de transformação (-2,1%). Do lado contrário, destacaram-se as atividades de produtos de metal-exclusive máquinas e equipamentos (2,8%) e fumo (45,4%) - devido ao início da safra no sul do país - como as principais pressões positivas.

No confronto com fevereiro de 2002, o acréscimo do emprego foi de 1,1%, em que oito áreas e dez segmentos industriais aumentaram o contingente de trabalhadores. Entre as atividades, as principais influências positivas foram representadas por alimentos e bebidas (3,4%),

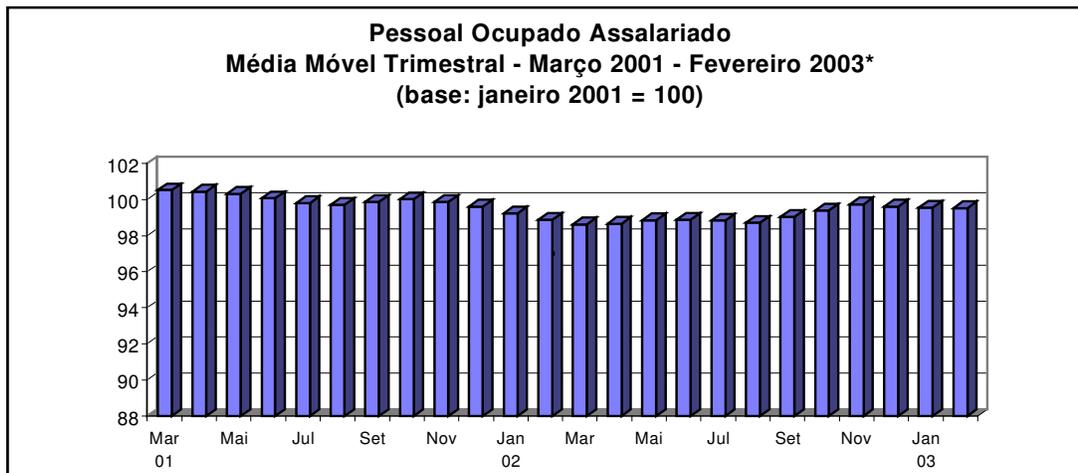
máquinas e equipamentos-exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (8,1%) e produtos de metal-exclusive máquinas e equipamentos (5,1%). São Paulo (1,4%) assume a liderança entre os locais em crescimento, impulsionado por alimentos e bebidas (9,1%) e produtos de metal-exclusive máquinas e equipamentos (13,8%).

Do lado negativo, região Nordeste (-2,7%) e Rio de Janeiro (-2,6%) despontam como os locais com maior peso na dispensa de trabalhadores, seguidos por Pernambuco (-5,6%). Na indústria fluminense, borracha e plástico (-16,9%) figura como principal influência negativa, enquanto que nas outras áreas, o destaque negativo é o ramo de alimentos e bebidas (-6,4% no Nordeste e -6,9% em Pernambuco). Em nível nacional, os principais impactos negativos foram assinalados na fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-7,4%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-3,9%).

O indicador acumulado no ano mostra, neste primeiro bimestre, um aumento de 1,0%, reflexo da expansão do número de trabalhadores em sete locais e nove setores. Com as variações positivas mais significativas na taxa global, destacaram-se Santa Catarina (4,5%) e Paraná (5,0%); em sentido inverso, sobressaíram Rio de Janeiro (-3,1%), Nordeste (-1,3%) e Minas Gerais (-1,4%). Setorialmente, os resultados de alimentos e bebidas (4,2%) e máquinas e equipamentos-exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (7,8%) representaram as principais pressões positivas, em contraposição às de outros produtos da indústria de transformação (-7,4%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-4,8%).

A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, mostra um recuo de 0,5%, porém mantém uma trajetória ascendente, uma vez que nos meses anteriores apresentou os seguintes resultados: -1,1% até novembro, -1,0% até dezembro e -0,8% até janeiro/03.

Por fim, o indicador de médias móveis trimestrais, livre da sazonalidade, permanece apontando uma trajetória de estabilidade do emprego industrial.

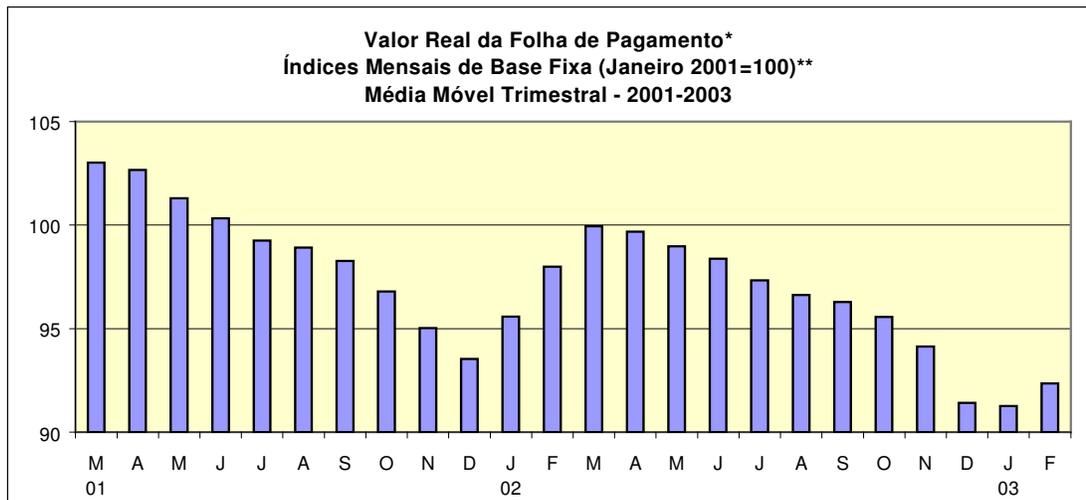


Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

\* Série com ajuste sazonal

### FOLHA DE PAGAMENTO

A indústria brasileira amplia, pela segunda vez consecutiva, o valor real da folha de pagamento de seus trabalhadores: entre janeiro e fevereiro há uma expansão de 1,2%, já descontadas as influências sazonais, sendo este movimento de melhora confirmado pela evolução dos índices de médias móveis trimestrais (gráfico a seguir). No entanto, nos demais confrontos, os resultados continuam negativos: -4,6% em relação a fevereiro de 2002, -5,3% no acumulado no primeiro bimestre e -2,9% nos últimos doze meses. No que tange à folha média de pagamento verificam-se reduções em todos os indicadores: -5,7% frente a fevereiro/02, -6,3% no acumulado do ano e -2,4% nos últimos doze meses.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria

\* deflacionado pelo IPCA-IBGE

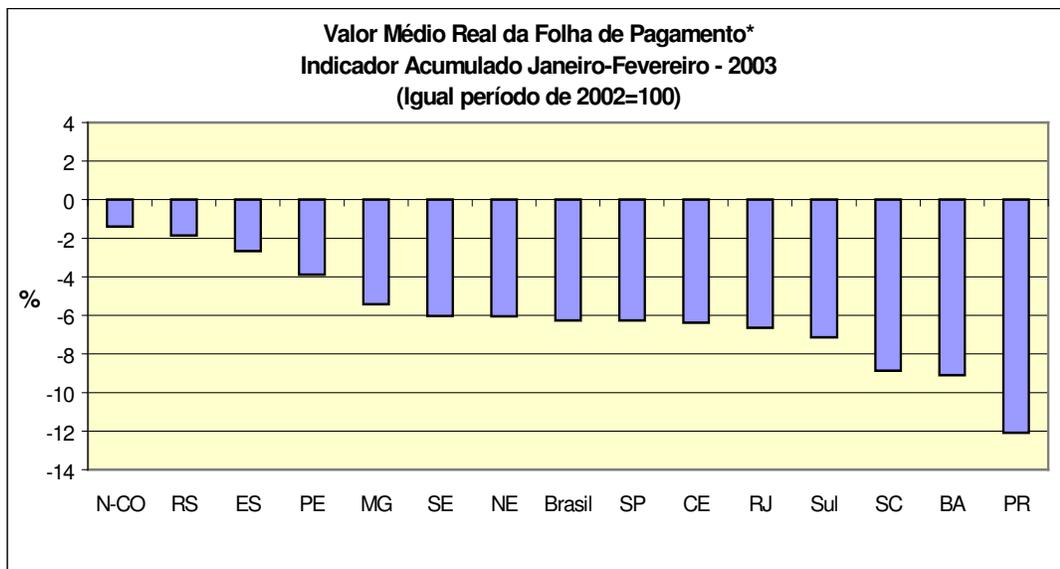
\*\* Série com ajuste sazonal

Na comparação com fevereiro do ano passado observam-se reduções na folha de pagamento da maioria (doze) dos quatorze locais pesquisados. As indústrias de São Paulo (-5,9%) e da região Sudeste (-5,5%) respondem, mais uma vez, pelas contribuições de maior impacto na formação da taxa global de -4,6%, ficando as quedas de maior magnitude, com Bahia (-9,5%), Rio de Janeiro (-7,6%), Paraná (-7,1%) e Pernambuco (-7,0%). As únicas áreas que aumentam a folha de pagamento neste tipo de confronto são: regiões Norte e Centro-Oeste (2,4%) e Rio Grande do Sul (0,4%). Em nível setorial, o quadro também é de decréscimos na maior parte (treze) dos dezoito setores pesquisados no total do país. Os ramos que mais influenciam de forma negativa o resultado global são: papel e gráfica (-14,8%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,6%). Com acréscimos figuram apenas os setores de calçados e couros (7,1%), refino de petróleo e produção de álcool (4,6%), indústrias extrativas (4,5%), alimentos e bebidas (2,7%) e borracha e plástico (2,5%).

No indicador acumulado no primeiro bimestre apenas as indústrias das regiões Norte e Centro-Oeste (3,2%) elevam o total da folha de pagamento de seus empregados. As maiores perdas reais são observadas na Bahia (-9,9%) e no Rio de Janeiro (-9,5%), ficando as principais contribuições negativas na formação da taxa global, também neste comparativo, com as indústrias da região Sudeste (-6,1%) e de São Paulo (-5,5%). Em nível nacional, as reduções de maior impacto são assinaladas nos setores produtores de papel e gráfica (-12,5%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de

comunicações (-12,6%), enquanto apenas os ramos de calçados e couros (4,3%), alimentos e bebidas (2,8%) e borracha e plástico (0,5%) elevam, em termos reais, o valor da folha de pagamento.

Ainda no indicador acumulado no ano, no que se refere à folha média de pagamento, verificam-se quedas reais em todos os quatorze locais pesquisados, com as taxas oscilando entre -12,1% do Paraná e -1,4% das regiões Norte e Centro-Oeste. No total do país, somente os setores de borracha e plástico (3,7%) e de calçados e couro (0,3%) mostram ganho real no valor médio da folha de pagamento. Nos demais setores as taxas variaram de -21,5% em fumo a -1,3% em alimentos e bebidas.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria  
\* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Por fim, segundo o indicador acumulado nos últimos doze meses o setor industrial continua intensificando o ritmo de queda tanto do valor total da folha de pagamento de seus trabalhadores, que passa de -2,7% em janeiro para -2,9% em fevereiro, como da folha média, de -2,0% para -2,4%.

#### **NUMERO DE HORAS PAGAS**

Em fevereiro, o indicador do número total de horas pagas recuou 2,0% em relação ao mês anterior, resultado que se explica, em parte, por fatores sazonais, visto que janeiro tem maior número de dias úteis. Descontados os fatores sazonais, as horas pagas assinalam crescimento de 0,7% em relação a janeiro, revertendo a ligeira queda apontada no confronto janeiro/dezembro (-0,1%). A comparação com fevereiro do ano passado também foi positivamente

influenciada pelo efeito calendário, uma vez que em 2003 o Carnaval foi em março, registrando, coincidentemente, 0,7% de expansão, enquanto que o acumulado do ano assinalou taxa de 0,3%. O indicador dos últimos doze meses, apesar de negativo, apontou uma tendência de recuperação (-0,8%).

No comparativo fevereiro 03/fevereiro 02, nove dos quatorze locais pesquisados exibem aumento nas horas pagas. Por ordem de influência, Paraná (6,8%), Região Norte e Centro-Oeste (3,4%) e Rio Grande do Sul (2,3%), respondem pelos principais impactos positivos, principalmente, pelo aumento das horas pagas nos setores de alimentos e bebidas (Paraná e região Norte e Centro-Oeste) e calçados e couro (Rio Grande do Sul). Só foi observada redução nas indústrias concentradas na região Sudeste (-0,6%): Rio de Janeiro (-2,3%), Minas Gerais (-0,9%), São Paulo (-0,2%) e Espírito Santo (-1,4%), por ordem de influência.

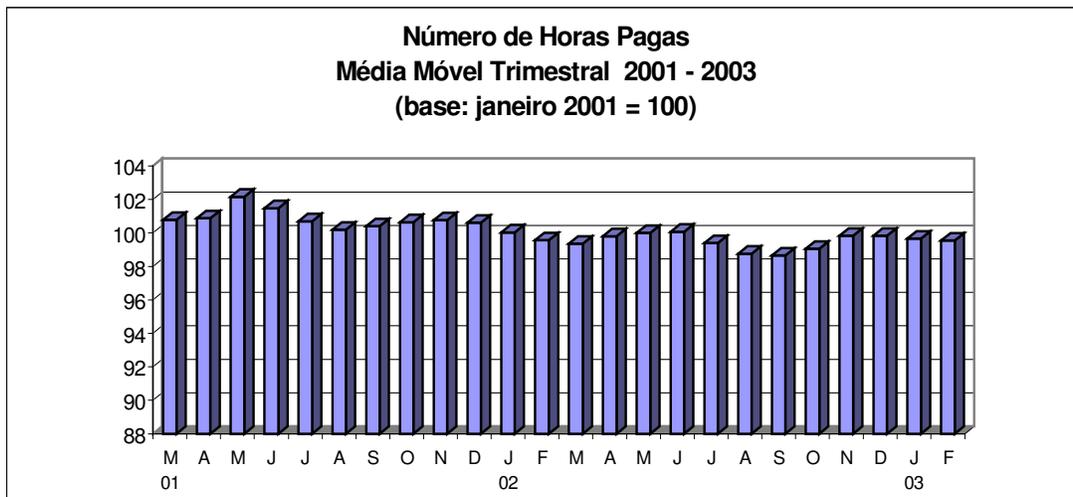
Setorialmente, ainda no indicador mensal, a principal pressão positiva, no aumento das horas pagas, foi exercida pelo setor de alimentos e bebidas (4,8%), seguido pelas indústrias de máquinas e equipamentos - exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (6,3%) e calçados e couros (5,9%). Por outro lado, a maior contribuição negativa veio de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,7%).

O acumulado de janeiro-fevereiro mostra uma expansão de 0,3% no total das horas pagas. Por setores industriais, observam-se ganhos na jornada de trabalho em oito ramos pesquisados. As taxas que mais influenciam o resultado global são, também neste confronto, as registradas nos setores de alimentos e bebidas (4,9%), máquinas e equipamentos exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (6,0%) e calçados e couros (4,9%)

O indicador acumulado nos últimos doze meses ainda é negativo para o total das horas pagas (-0,8%), porém acima das marcas de dezembro (-1,3%) e janeiro (-1,1%). No total do país, treze setores assinalam recuo nas horas pagas pela indústria. Neste confronto, o maior impacto negativo vem do ramo de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-11,2%) e, o positivo, vem de alimentos e bebidas (5,4%). Regionalmente, a maior influência negativa é determinada pelos recuos observados em São Paulo (-3,0%) e, como conseqüência, na região Sudeste (-2,8%). Com quedas

figuram, ainda, Rio de Janeiro (-4,7%), Minas Gerais (-1,5%) e Bahia (-0,7%). Os locais com desempenhos positivos são: região Norte e Centro-Oeste (3,0%), Santa Catarina (2,5%), Paraná (2,0%), Nordeste (1,1%) Ceará (3,1%), Pernambuco (2,2%), Rio Grande do Sul (0,3%) e Espírito Santo (0,9%)

No que se refere à trajetória mostrada pelo gráfico de média móvel trimestral, o indicador da jornada de trabalho aponta uma virtual estabilização com o patamar de fevereiro situando-se 0,3% abaixo do de novembro de 2002.



Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria